
III Congresso Nordestino de Ciências da Religião e Teologia
Recife, 8 a 10 de setembro 2016
"Devoções religiosas e pluralismo cultural"
Anais

ENSINO RELIGIOSO: METODOLOGIAS LÚDICAS NA PRÁXIS PEDAGÓGICA EM SALA DE AULA[1]

José Carlos do Nascimento Santos[2]

Resumo

O referido artigo tem o objetivo de apresentar relato de experiência vivenciada através de metodologias lúdicas aplicadas em sala de aula na EEEFM "Odilon Nelson Dantas" na cidade de Cuitegi-PB na turma do 9º ano do ensino fundamental II. O Ensino Religioso é uma disciplina que faz parte da grade curricular da rede pública de ensino e parte integrante da formação básica do cidadão (â) conforme o artigo 33 da LDB 9475/ 97 na sua nova redação que nos afirma: O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo. Partindo desse pressuposto de que é uma disciplina, componente curricular obrigatório para a escola e facultativo para o discente é que o docente deve esforçar-se cada vez mais para desenvolver uma aula prazerosa e dinâmica. No decorrer do artigo damos ênfase a importância da ludicidade utilizada no contexto da sala de aula na disciplina do ER. Apresentamos o lúdico como algo inovador na aplicabilidade de técnicas de ensino, como também o método dialético proposto por Paulo Freire (1996) na sua obra pedagogia da autonomia. Didaticamente abordamos metodologias e estratégias relevantes para serem trabalhadas na prática pedagógica do Ensino religioso Dentre várias técnicas de ensino utilizamos a de "um baú de símbolos na sala de aula" método didático pedagógico da Profª Pós Dra. Eunice Simões Lins Gomes da UFPB. Com esta proposta tivemos como objetivo primordial instigar a imaginação dos discentes através dos símbolos. Como resultado, obtivemos uma grande aceitação do alunado para com as dinâmicas e mantras vivenciados durante a aula. Identificamos, através das atividades lúdicas, de que podemos absorver diversos conteúdos desta área de conhecimento. Tomamos como base teórica os ensinamentos método-teórico de Paulo Freire que nos afirma: A teoria sem a prática vira 'verbalismo', assim como a prática sem teoria, vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade. Realizamos como suporte teórico um levantamento bibliográfico de autores que abordam a temática como também os métodos descritivo e qualitativo.

Palavras-chave: Metodologia. Ludicidade. Ensino Religioso.

Introdução

Trabalhar a disciplina de Ensino religioso não é tarefa fácil, uma vez que requer muito do docente desta área de conhecimento. Exige-se muito

[1] "Trabalho apresentado no III Congresso Nordestino de Ciências da Religião, realizado entre os dias 08 e 10 de setembro de 2016 na UNICAP, PE."

[2] Mestrando em Ciências das Religiões (UFPB). Bacharel em Teologia. Membro do grupo de pesquisa GEPAI. Orientando da Profª Eunice Simões Lins Gomes. E-mail: josecarloscuitgi@yahoo.com.br

no aspecto metodológico, pois há um paradoxo muito forte, uma vez que é uma disciplina que é obrigatória para o estabelecimento de ensino, porém facultativo para o alunado, conforme a lei 9475/97 do artigo 33 da LDB.

Para que esta área do conhecimento seja bem desenvolvida, cabe ao docente desenvolver habilidades e metodologias que atraia os discentes para o processo de ensino e aprendizagem. O docente por sua vez desempenhará o papel de mediador na sala de aula. Assim afirma Silva (2011): O professor de Ensino religioso é, na escola e na sua comunidade, um mediador da própria questão religiosa, da espiritualidade, sendo assim, um promotor do diálogo inter-religioso e da busca pela ética e pela paz.

No espaço escolar deve ser instigado a uma metodologia voltada na criticidade mediada pelo docente é o que afirma Fazenda (1991): A metodologia de ensino voltada para a análise crítica da prática educacional inter-relaciona algumas técnicas de ensino individual e coletivo.

O saber teórico é um saber necessário. É através dos teóricos que o docente fundamenta a sua prática em sala de aula, mas a práxis pedagógica é um fator primordial, uma vez que são através da prática que o docente concretiza todas as suas teorias.

Nesse sentido, Freire (1996) nos afirma de que: "A teoria sem a prática vira 'verbalismo', assim como a prática sem teoria, vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade". Faz-se necessário a aplicabilidade de todas as teorias adquiridas. O conhecimento só surtirá efeito se colocarmos em prática, se vivenciarmos de forma lúdica o processo de ensino aprendizagem.

A importância da ludicidade na prática docente

A palavra ludicidade provém do latim *ludus* que etimologicamente significa jogos e brincadeiras. Nesse sentido, trabalhar de forma lúdica é trazer para sala de aula metodologias inovadoras, para que assim o alunado

sinta prazer em participar de momentos descontraído. Em outras palavras, trabalhar metodologias lúdicas é vivenciar o conteúdo programado de forma interativa onde o aluno apende com o professor e o professor por sua vez aprende com o aluno.

Freinet (1998) denomina de "Práticas Lúdicas Fundamentais" não é o exercício específico de alguma atividade, pois ele acredita que qualquer atividade pode ser de dimensão lúdica:

> [...] um estado de bem-estar que é a exacerbação de nossa necessidade de viver, de subir e de perdurar ao longo do tempo. Atinge a zona superior do nosso ser e só pode ser comparada à impressão que temos por uns instantes de participar de uma ordem superior cuja potência sobre-humana nos ilumina. (FREINET, 1998, p.304).

Freinet (1998) refere que este "estado de bem-estar" jamais se restringe à circunscrição de nossa individualidade. Isto é, parte de uma espécie de exaltação íntima de nossa potência para a vida e atinge escalas sociais muito amplas, o que nos fará descobrir e exaltar novas potências íntimas em nosso ser que ocasionará novamente a expansão para o plano social, sendo assim uma vivência inesgotável da dimensão lúdica.

Machado (1966,p.29) salienta, que a interação social implica transformação e contatos com instrumentos físicos e/ou simbólicos mediadores do processo de ação que são possíveis no contato direto com o jogo. Esta concepção reconhece o papel dos jogos para formação do sujeito, atribuindo-lhe um espaço importante no desenvolvimento das estruturas psicológicas do raciocínio rápido e estruturado nas atividades operacionais.

De acordo com Vygotsky (1984: p. 27) é na interação com as atividades que envolvem simbologia e brinquedos que o educando aprende a agir numa esfera cognitiva. Na visão do autor a criança comporta-se de forma mais avançada do que nas atividades da vida real, tanto pela vivência de uma situação imaginária, quanto pela capacidade de subordinação às regras.

Viver ludicamente significa uma forma de intervenção no mundo, indica que não apenas estamos inseridos no mundo, mas, sobretudo, que somos ele. Logo, conhecimento, prática e reflexão são as nossas ferramentas para exercermos um protagonismo lúdico ativo.

No contexto de sala de aula não e diferente, pois devemos estar inserido num contexto social onde prevaleça o diálogo e a interação continua, pois vivemos num mundo plural nos aspectos sócio, político, cultural e religioso. Nesse sentido afirma Silva (2011):

> Numa sala de aula há uma grande diversidade, não só religiosa, mas também étnica, cultural, social e de gênero. Essa diversidade se estende ao campo das opiniões e formas de pensamento. Diferentes elementos influenciam no convívio entre as pessoas. (SILVA, 2011, p.13)

A partir do exposto, podemos afirma de que o espaço público deve ser acima de tudo um espaço de diálogo entre as diferenças religiosas. Em outras palavras dever ser um espaço sem quaisquer tipos de proselitismo. Assim diz p artigo 33 da LDB, nº 9475/97:

> O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo.
>
> § 1º Os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do ensino religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores.
>
> § 2º Os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição dos conteúdos do ensino religioso.

Assim sendo, a prática em sala de aula deve ser vivenciada de forma a contemplar e respeitar as diferenças. As aulas de ensino religioso devem ter uma nova roupagem, ou seja, devem ser mais lúdica e menos técnica. Nesse sentido, afirma Candau (1984) "A didática não poderá continuar sendo um apêndice de orientações mecânicas e tecnológicas".

Técnica de ensino: um baú de símbolos na sala de aula

Foto 1: Um baú de símbolos na sala de aula, capa do livro da profa. Eunice Simões



A técnica "um baú de símbolos" é um método didático-pedagógico de se trabalhar os símbolos em sala de aula da professora Pós Dra. Eunice Simões Lins Gomes, publicado pela Editora Paulinas em 2003. A obra está organizada em 04 capítulos. O 1º capítulo é intitulado "Os fios da imaginação". Neste capítulo deseja-se

> que o educador de ensino religioso compreenda as duas maneiras de representar o mundo, juntamente com seus educandos, a partir da consideração de que o ser humano é um ser que imagina e vive atribuindo significados às coisas. (GOMES, 2003, p19)

No 2º capítulo denominado "As imagens na teoria Geral do Imaginário" tem o objetivo de

> Apresentar, de forma introdutória, algumas noções sobre a teoria Geral do Imaginário, de Gilbert Durand, bem como falar de sua relevância para se trabalhar em sala de aula, com o uso dos símbolos (GOMES, 2003, p. 29).

No 3º capítulo, "A abertura do baú" é apresentado toda metodologia de como utilizar o baú na sala de aula. Afirma a autora:

Neste capítulo, apresentaremos a técnica de ensino, bem como suas etapas de construção, a ser utilizada pelos educadores do ensino religioso. Como também ressaltaremos a relevância da sala de aula para os educandos, principalmente quando a adentrarem (GOMES, 2003, p.43).

Por fim, no 4º capítulo nomeado pela autora "descrição imagética" a mesma descreve:

> Neste capítulo propomos que se comentem os afetos despertados em alguns educandos, a parti da seleção de objetos que fizeram, quando foi efetuada a abertura do baú de símbolos. Ou seja, que se mencione o que cada símbolo selecionado evocou nos educandos, realizando, assim, a última etapa da técnica de ensino proposta, com base no que foi escrito no relato dos educandos e na observação realizada pelo educador, durante toda a aplicação de técnica de ensino. (GOMES, 2003, p. 55)

A referida obra tem como objetivo explorar e motivação a imaginação dos educandos, a partir da utilização de um baú contendo objetos que suscitem sentidos simbólicos.

Nesse sentido, Gomes afirma:

> Assim, propomos esta técnica de ensino relacionando educação e imaginário entendido mais que como uma categoria de análise propriamente dita, mas como uma característica inerente às diversas forma de conhecimento, uma vez que imagina faz parte da própria condição do ser humano (GOMES, 2013, p.15).

A autora deixa claro em sua obra de que o imaginário faz parte da condição humana, sendo assim faz-se necessário o educador suscitar nos alunos o despertar da imaginação a partir da sua realidade. É nesse sentido que os símbolos se tornam com sentidos. Nesse pensamento nos diz Durand (1988):

> O símbolo, e o que nele está representado, tem, portanto, uma conexão interna que não pode ser desfeita, por isso possui algo mais que um sentido artificialmente dado. Ele é, então, mediação que traz em si a presença inelutável do sentido, por isso a imagem, por mais degradada que possa parecer, é sempre portadora de um sentido que não deve ser

> procurado fora da sua significação imaginária. (DURAND, 1988, apud GOMES, 2003, p.40).

O autor afirma, categoricamente, que o símbolo é portador de um sentido o qual posteriormente terá um significado imaginário.

Roteiro da técnica de ensino

- **Eixo temático:** Os símbolos das tradições religiosas
- **Técnica**: Um baú de símbolos na sala de aula
- **Conteúdo:** Os símbolos das tradições religiosas
- **Objetivo geral:** Desenvolver habilidades de interação sobre os símbolos religiosos através da técnica um baú de símbolos na sala de aula.
- **Objetivo específicos:**
  Identificar através dos símbolos as religiões
  Dialogar sobre a importância da simbologia
  Conceituar os símbolos
- **Públivo-alvo:** Alunos do 9º ano do Fundamental II
- **Metodologia:** Aula dialogada e expositiva
- **Material didático:** mandala, baú, símbolos religiosos, logo das religiões.
- **Estratégia**
  - Organiza-se a sala de aula com as cadeiras em forma de círculo e uma mandala com um baú de símbolos no centro.
  - O professor inicia a aula com a canção de um mantra
  - Após o mantra, os alunos apresentam-se e fala do que espera da aula.
  - Em seguida, o professor explica e define o que são símbolos.
  - Cada aluno vai ao baú e escolhe um dos símbolos religiosos e responde a 2 pergunta: Que símbolo escolheu? e o que o símbolo escolhido representa para você?

- Os alunos respondem as questões e apresenta a sua reflexão sobre o símbolo escolhido.

Relato da experiência em sala de aula

A aplicabilidade da técnica de ensino do livro "Um Baú de símbolos em sala de aula" ocorreu na EEEFM Odilon Nelson Dantas na cidade de Cuitegi-PB com alunos do 9º ano do turno manhã. Participaram da aula 13 alunos.

Figura 2: Alunos do 9º ano



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

A sala de aula foi organizada em círculo com uma mandala ao centro com símbolos religiosos e um baú ao centro. Logo após iniciamos com um mantra onde todos os alunos ficaram de pé.

Foto 3: Mandala de símbolos



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Em seguida, todos os alunos receberam uma folha de sulfite para a apresentação dos mesmos através da dinâmica do repolho. Ao pegar a folha falaram o nome e o que esperava da aula e em seguida amassava a folha em forma de bola de papel. E assim todos sucessivamente juntaram a sua folha a folha do próximo.

Foto 4: Explicação da dinâmica



Foto 5: Dinâmica de apresentação-Repolho



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Dando continuidade à aula, fiz uma apresentação do conteúdo da aula e logo em seguida pedi que os alunos tirassem um símbolo do baú e sentassem na sua cadeira.

Foto 6: Alunos pegando símbolo



Foto 7: Alunos pegando símbolo



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Depois que todos estavam com um símbolo em mão, pedi para que expressasse na folha de sulfite o que aquele símbolo representava pra ele. Dei um tempo para que eles realizassem a atividade. Após responderem a atividade os mesmos apresentaram a sua reflexão. Segundo depoimentos dos alunos a aula foi inovadora e diferente.

Foto 8: Alunos descrevendo sobre o símbolo



Foto 9: Alunos descrevendo sobre o símbolo



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Foto 10: Alunos descrevendo sobre o símbolo Foto 11: Alunos descrevendo sobre o símbolo





Fonte: Arquivo pessoal do autor.

A participação dos alunos nas atividades propostas foi muito positiva, uma vez que houve muita interação e diálogo durante toda aplicabilidade da técnica de ensino "baú de símbolos na sala de aula".

Quadro síntese das reflexões dos alunos em relação ao símbolo escolhido do baú

O quadro abaixo foi elaborado a partir das reflexões de 13 alunos da turma do 9º ano na disciplina de Ensino Religioso:

Aluno (a)	Símbolo	Descrição imagética
Aluno (A)	Terço	"Esse símbolo foi Maria, mãe de Jesus, que mandou rezar para todos em festa de paz em 1917 na cidade de Fátima em Portugal"
Aluno (B)	Terço	" Pra mim que sou católica significa um dogma da Igreja."
Aluno (C)	Bíblia	"É o símbolo sagrado dos cristãos"
Aluno (D)	Crucifixo	"Esse símbolo significa um gesto de amor que o senhor teve por nós. Morreu pelos nossos pecados gesto de amor mais lindo que o Senhor"
Aluno (E)	Tambor	" Este símbolo pra mm representa a música principalmente o regue"

Aluno (F)	Imagem de N. Sra. de Nazaré	" Pra mim esta é a imagem de N. Sra. de Nazaré é uma santa bastante conhecida em Belém do Pará.
Aluno (G)	Imagem de Pe, Cícero	" Pra mim Ele representa ser uma imagem de Pe. Cícero do Juazeiro, uma imagem serve para os devotos de è. Cícero adorarem ou guardar como lembrança".
Aluno (H)	Cálice	" O cálice pra mim significa o vinho e o pão e Cristo, o corpo sagrado de Cristo, o sangue de Jesus Cristo
Aluno (I)	Água benta	" Este símbolo representa pra mim a água sagrada. Ela é uma água abençoada que serve pra abençoar e serve para fazer o batismo e mostrando que está sendo abençoado por Deus".
Aluno (J)	Vela amarela	"A vela é conhecida para iluminar o caminho dos mortos".
Aluno (K)	Crucifixo	" Para mim o crucifixo é uma maneira de Cristo dizer que quer nos amar como dessa forma. Na hora de sua morte é continuar a dizer que nos ama desse jeito Cristo morreu falando: Pai, perdoai eles não sabem o que fazem.
Aluno (L)	Rosa	"A rosa é um ato universal".
Aluno(M)	N. Sra. das Vitórias	"Nossa senhora das Vitórias representa muita coisa. Ela é a padroeira de Carnaúba dos Dantas. Ela representa pra mim a vitória, a conquista. Toda vez que eu vou lá eu peço uma coisa e ela me amostra, me traz paz, harmonia e etc. Quando vou lá, não quero mais voltar pra casa. Ela é linda cheia de graça. Ela que mostra a nossa vitória e nos dá coragem força e principalmente fé".

Considerações finais

Pretendemos com este artigo apresentar metodologias inovadas aplicável na sala de aula na disciplina de Ensino Religioso. Percebemos o quanto é importante desenvolvermos técnicas de forma lúdica, ou seja,

técnicas prazerosas para que assim o alunado possa fazer parte diretamente do ensino aprendizagem.

A partir da experiência vivida da técnica de ensino em estudo, fica claro de que o uso de metodologias inovadoras e prazerosas os discentes sentem-se parte integrantes do ensino aprendizagem. Caso contrário, estaremos cometendo os meus erros, utilizando assim as mesmas técnicas no cotidiano da sala de aula.

É perceptivo que os docentes de ensino religioso sentem a necessidade de tornar as suas aulas atraentes, dinâmicas e extrovertidas, porém cabe as instituições públicas desenvolverem formações, através de oficinas, para que assim despertem e qualifiquem os profissionais desta área de conhecimento muito relevante.

Entretanto, o lúdico tem a sua parcela de colaboração muito instigante no que se refere a metodologia da prática da disciplina de Ensino Religioso.

Referências

ALMEIDA, Paulo Nunes de**. Educação lúdica técnicas e Jogos Pedagógicos**. São Paulo: Loyola, 1995.

CANDAU, Vera Maria (Org.). **A didática em questão**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

DURAND, Gilbert. A imaginação simbólica. Trad. de Eliane Fittipaldi Pereira. São Paulo: Cultrix, 1998. In GOMES, Eunice Simões Lins. **Um baú de símbolos na sala de aula**. São Paulo: Paulinas, 2013.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes et al. **Um desafio para a didática**. São Paulo: Loyola, 1991.

FEIJÓ, O. G. – **Corpo e Movimento**. Rio de Janeiro: Shape, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática pedagógica** – São Paulo: Paz e Terra. 1996 (Coleção Leitura).

FRIEDMANN, Adriana. **Brincar: crescer e aprender:** o regate do jogo infantil. São Paulo: Moderna, 1996.

FREINET, Célestin**. A educação do trabalho**. São Paulo-SP: Martins Fontes, 1998.

GOMES, Eunice Simões Lins. **Um baú de símbolos na sala de aula**. São Paulo: Paulinas, 2013.

MACHADO, Nilson José. **Matemática e educação:** alegorias, tecnologias e temas afins. São Paulo: Cortez, 1966.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: **Ensino Religioso**. Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso. São Paulo: Mundo Mirim, 2009.

PIAGET, J. **A linguagem e o pensamento da criança**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1959.

SILVA, Marinilson Barbosa da. **Em busca do significado do ser professor de ensino religioso**. João Pessoa. Ed. Universitária UFPB, 2011.

VYGOSTKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.